

PRODUÇÃO DE *Capsium frutescens* ORNAMENTAL COMO ALTERNATIVA PARA AGRICULTURA FAMILIAR

Larissa Gabriela Gomes de Souza¹; Isabela Givonez Gomes Nogueira¹; Davi Santos Tavares¹; Maria Monique Tavares Saraiva¹; Luzia Ferreira da Silva¹.

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada (Avenida Gregório Ferraz Nogueira, S/N, Bairro: José Tomé de Souza Ramos, CEP: 56.909-535, Serra Talhada, PE. larissa.gab61@gmail.com

INTRODUÇÃO

Com o crescimento do consumo de alimentos com qualidade e grande demanda durante todo o ano, houve um incentivo para buscar novos sistemas de cultivo em condições adversas (OLIVEIRA, 2012). A busca por produtos diferenciados, por parte dos consumidores, propicia à agricultura familiar mais uma opção para complementar a renda, visto que cada vez mais famílias têm buscado o modelo de cultivo agroecológico. Neste contexto, a pimenta surge como alternativa, pois tem características nutricionais e também é utilizada como planta ornamental. Por meio dela podemos humanizar ambientes, demonstrar sentimentos e compor iguarias gastronômicas de requinte. Também é insumo de extrema importância para as indústrias farmacêuticas de cosméticos (ROSA, 2006). Os serviços de mão de obra qualificada, diversidade de cultivares e de modelos de produção, aliados ao baixo custo de implementação, possibilitam até a inserção destes agricultores no mercado de exportação. Além disso, a pimenta pode ser cultivada sem exigências de ambiente protegido, o que a torna mais acessível aos pequenos produtores (EMBRAPA, 2006).

A espécie *Capsium frutescens* é conhecida vulgarmente como pimenta malagueta e pertence à família das solanáceas, originária da América. Ela é a pimenta mais consumida no Brasil e cultivada, em maior quantidade, na Zona da Mata Mineira, Rio Grande do Sul e São Paulo (OLIVEIRA, 2012).

No passado ela foi introduzida na culinária para obtenção da coloração e aroma dos alimentos. Outra característica positiva é sua função de conservação e proteção das carnes da ação de fungos e bactérias (HEIDEN, 2007), além de ser fonte de vitaminas B₁, B₂, B₆, C e aminoácidos, que auxiliam na prevenção de doenças (COSTA, BERTAZZI et al., 2005).

As propriedades medicinais relacionadas à ingestão deste alimento proporcionam sensação de bem estar devido à motilidade gastrointestinal, que é consequência do aumento da salivação e estímulo de secreção gástrica. A capsaicina, composto derivado da pimenta, atua nos níveis de gorduras do sangue, nos problemas das vias respiratórias, na redução de inflamação e retarda o envelhecimento por contribuir com a eliminação de radicais livres (MANARA et al., 2009).

As variedades domesticadas apresentam frutos maiores, persistentes, pendentes e em menores quantidades por planta, quando comparadas às silvestres. As variedades cultivadas têm características de cor, forma, sabor e aroma (BARBOSA, 2002).

A pimenta possui características botânicas particulares, com seus frutos de sabor predominantemente picante, entretanto, já existem variedades adocicadas. A planta é arbustiva, de altura média de 1,20 m, muito ramificada lateralmente, com folhas alternas, inteiras e membranáceas. As flores, geralmente, são brancas e podem apresentar manchas difusas amarelas ou esverdeadas. Outras cores ainda surgem como violeta, roxa, amarela e esverdeada. Ela possui frutos de diferentes formatos, tamanho e coloração e o cultivo pode ser perene. A formação do fruto ocorre por autofecundação ou não (PINTO, 1999).

Tais atributos contribuem para aumentar o interesse nestas plantas para o setor paisagístico, que cresce e torna-se cada vez mais importante para a economia do País. Para atender este mercado, mudas já com frutos são exigidas. Além disso, torna-se necessário a redução do tempo de produção destas, a fim de satisfazer as exigências pelos consumidores. Diante disto, objetivou-se neste trabalho avaliar o desenvolvimento de pimenteiras propagadas sexuada e assexuadamente, visando encontrar a forma mais eficiente, econômica e rápida de obtenção das mudas.

METODOLOGIA

A pesquisa foi conduzida na Universidade Federal Rural de Pernambuco UFRPE/UAST, em Serra Talhada - PE, localizada na Microrregião do Sertão do Pajeú, Mesorregião do Sertão de Pernambuco, que possui vegetação Caatinga hiperxerófila com trecho de floresta caducifólia. O clima é tropical semiárido, período chuvoso de novembro a abril, com temperaturas em média de 25,2 °C (IBGE, 2012)

No dia 30 de setembro do ano de 2015 foi realizado o plantio. As estacas herbáceas e sementes eram de uma planta adulta. As dez estacas tinham oito cm de comprimento e 1,5 cm de diâmetro, sem receber qualquer tipo de indutor de enraizamento e sem folhas, inseridas num vaso tipo canteiro. As três sementes foram colocadas em cada vaso. O plantio foi realizado em vasos plásticos com substrato composto de areia e húmus de minhoca na proporção 2:1 tanto para estacas como sementes. A superfície do solo foi coberta com cobertura morta de capim, para diminuir as perdas de água por evaporação. A área do cultivo foi sombreada com sombrite de 70% a 2,0 m de altura do solo. As plantas foram irrigadas ao final da tarde, diariamente, com um regador.

As avaliações ocorreram, semanalmente, com auxílio de régua graduada, analisando o número de folhas, altura das plantas e surgimento das flores.

A estatística utilizada foi comparação de médias entre o número de dias, quantidade de folhas, tamanho das folhas, surgimento de flores e altura da haste principal acima da superfície do substrato.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas primeiras semanas não foi possível avaliar as plântulas, pois essas somente emergiram após 20 dias da instalação do experimento, tendo resultados apenas das estacas que a partir do terceiro dia começaram a emitir as primeiras brotações de folhas e, posteriormente, as primeiras flores já podiam ser notadas.

Tanto na sementeira quanto na estaquia houve surgimento de folhas, mas apenas as estacas apresentaram produção de flores e frutos da pimenta em apenas um mês (Figura 1). Entretanto, o sistema radicular das plantas originadas das sementes se desenvolveu mais rapidamente e em maior quantidade.

O número de folhas, comprimento das folhas e altura sempre foram maiores nas estacas (Tabela 1). As plântulas, inicialmente, apresentaram um crescimento da haste principal mais eficiente, posteriormente houve uma estabilização por conta da falta de desbaste e competição no mesmo vaso. Durante os três meses de experimento não houve qualquer sinal de possível florescimento das mudas advindas da sementeira, já com as estacas o florescimento ocorreu logo na primeira quinzena. Nos primeiros 15 dias existia de uma a duas flores por estaca e, gradativamente, aumentaram de sete a dez por planta e todas desenvolveram os frutos.

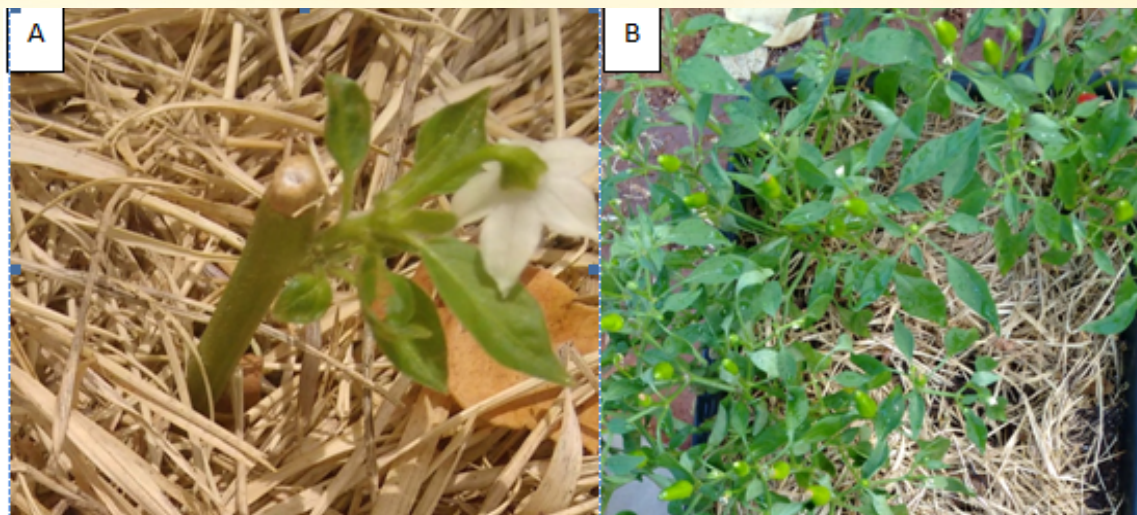


Figura 1. Planta propagada por estaca aos 15 dias (A) e após 60 dias (B) em Serra Talhada/PE, 2015.

Tabela 1. Variáveis avaliadas no experimento em Serra Talhada/PE, 2015

COMPONENTES	SEMENTE	ESTACA
Nº Folhas	11	13
Comprimento de folha (cm)	1,5	3,5
Altura da planta (cm)	7	9
Nº de flores	0	7
Perdas	0	0
Nº de frutos verdes	0	5

As sementes, ainda que não tratadas com fungicidas e semeadas num substrato não estéreo originaram mudas vigorosas e sadias (Figura 2). O tempo de propagação destas mudas para atingir sua maturidade sexual não foi avaliada neste trabalho, mas seria de muita importância científica, visto que nas condições de temperaturas médias de 26° C anual o desenvolvimento delas poderiam diferir de outras regiões (S.BARRETO, 1998).



Figura 2. A) Plântulas recém-emergidas; B) Mudanças após 60 dias. Serra Talhada/PE, 2015

CONCLUSÃO

De acordo com as análises realizadas é notório que para obtenção de mudas de pimenta tipo ornamental não são necessários altos investimentos na compra de materiais, tanto para instalação como também para manutenção nos locais de reprodução de plantas. Os substratos utilizados são de fácil acesso, sem despesa econômica, o que pode ser facilmente adquirido por qualquer produtor que tenha o interesse em estabelecer uma produção. A propagação por estaca ocorreu de forma precoce, eficiente para esse fim determinado e que as sementes apresentam um potencial maior de produção, porém ocorre mais tardiamente sua floração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, R. I. et al. Pimentas do gênero *Capsicum* cultivadas em Roraima, Amazônia brasileira. I. Espécies domesticadas. **Acta amazônica**, v. 32, n. 2, p. 177-132, 2002.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, José Antônio; PAULUS, Gervásio. Agroecologia como matriz disciplinar para um novo paradigma de desenvolvimento rural. In: **Congresso Brasileiro de Agroecologia**. 2005.

IBGE, Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística – 2012; Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas – IPEA

IBRAFLOR, **Análise conjuntural do comércio exterior da floricultura brasileira**. Disponível em: <<http://www.ibraflor.com/publicacoes/vw.php?cod=8>>. Acesso em: 21 de setembro de 2016.

MANARA, A. S. et al. Uso terapêutico da “pimenta malagueta” (*Capsicum frutescens*) na periferia de Bagé, RS. **Programa de Pós Graduação em Enfermagem e Obstetrícia–FEO/UFPel Embrapa Clima Temperado (Pelotas-RS)**, 2009.

OLIVEIRA, JF ; ALVES, SMC ; MIGUEL FERREIRA NETO, MF ; OLIVEIRA, RB; PAIVA, LAL: **Produção de mudas de pimenta malagueta e pimenta tequila sunrise fertirrigadas com efluente doméstico tratado** Enciclopédia biosfera, Centro Científico Conhecer, Goiânia, v.8, n.15; p. 2012 1401

LEVY-COSTA, R. B. et al. Household food availability in Brazil: distribution and trends (1974-2003). **Revista de Saúde pública**, v. 39, n. 4, p. 530-540, 2005.

PEIL, R. M. A enxertia na produção de mudas de hortaliças. **Ciência Rural**, v. 33, n. 6, p. 1169-1177, 2003.

PINTO, C. M. F. **A cultura da pimenta (*Capsicum* sp.)**. Epamig, 1999.

ROSA, F. S. da; LUNKES, R. J. A logística das flores: Uma contribuição ao estudo sobre a cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais. **III Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, Resende. Anais, Dom Bosco**, p. 2-16, 2006.

SÁ BARRETO, EVERARDO VAI ADARES DE; SAMPÃO, ELCIDA DE LIMA ARAÚJO. Regeneração da vegetação de caatinga após corte e queimais em serra talhada. Pe. Pesq. agropec. bras., Brasília, v. 33, n. 5, p. 621-632, 1998.

SILVEIRA, Elineide B. et al. Pó de coco como substrato para produção de mudas de tomateiro. **Horticultura Brasileira**, v. 20, n. 2, p. 211-216, 2002.

SILVEIRA, E.B.; RODRIGUES, V.J.L.B.; GOMES, A.M.A.; MARIANO, R.L.R; MESQUITA, J.C.P. Pó de coco como substrato para produção de mudas de tomateiro. **Horticultura Brasileira**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 211-216, junho 2.002.